

Contextos de uso de [y] e [cuando] no Espanhol escrito

Contexts of use of [y] and [cuando] in written Spanish

Sávio André de Souza
Cavalcante

Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Fortaleza | CE | BR
savio.cavalcante@uece.br
<https://orcid.org/0000-0001-5152-6924>

Valdecy de Oliveira Pontes

Universidade Federal do Ceará (UFC)
Fortaleza | CE | BR
valdecy.pontes@ufc.br
<https://orcid.org/0000-0002-8183-9259>

Resumo: Este trabalho analisa os contextos de uso (Diewald, 2002, 2006) dos conectores [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”), no espanhol escrito, sob a base teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022a), a fim de investigar seu grau de integração. Do ponto de vista metodológico, a investigação configura-se como básica (Paiva, 2019), exploratória, descritivo-explicativa (Gil, 2002; Paiva, 2019), bibliográfica e documental (Lakatos; Marconi, 1992), de viés quantitativo e qualitativo (Paiva, 2019). Os dados analisados advêm de cem ocorrências de uso de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) em adjacência coletadas no *Corpus del Español* (Davies, 2012-2019), *subcorpus* NOW. Os resultados apontam para alta produtividade dos usos de [[y] [cuando]] (“[e] [quando]”) sem segmentação entre si (90,17%). Além disso, são registrados usos desses elementos adjacentes em distintos contextos, desde os mais autônomos aos mais integrados. Do ponto de vista pragmático-discursivo, esses elementos atuam não apenas na sequenciação narrativa, mas em contextos mais (inter)subjetivos, como em tipologias textuais argumentativas e dialogais. Conclui-se que, embora não se possa postular a plena construcionalização de [y *cuando*]_{conec} (“[e quando]”_{conec}), podem-se notar mudanças construcionais que favorecem usos mais integrados.

Palavras-chave: conector aditivo; conector temporal; língua espanhola; linguística funcional centrada no uso.

Abstract: This work analyzes the contexts of use (Diewald, 2002, 2006) of the connectors [y] (“[and]”) and [cuando] (“[when]”), in written Spanish, under the theoretical basis of Cognitive-Functional Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016;



Rosário, 2022a), in order to investigate their degree of integration. From a methodological point of view, the investigation is basic (Paiva, 2019), exploratory, descriptive-explanatory (Gil, 2002; Paiva, 2019), bibliographic and documentary (Lakatos; Marconi, 1992), with a quantitative and qualitative bias (Paiva, 2019). The data analyzed comes from one hundred occurrences of use of [y] (“[and]”) and [cuando] (“[when]”) in adjacency collected in the *Corpus del Español* (Davies, 2012-2019), NOW *subcorpus*. The results point to high productivity of the uses of [[y] [cuando]] (“[[and] [when]]”) without segmentation between them (90.17%). Furthermore, uses of these adjacent elements in different contexts are noticeable, from the most autonomous to the most integrated. From a pragmatic-discursive point of view, these elements act not only in narrative sequencing, but in more (inter)subjective contexts, such as in argumentative and dialogical textual typologies. It is concluded that, although it is not possible to postulate the full constructionalization of [y cuando]_{conec} (“[and when]_{conec}”), constructional changes that favor more integrated uses can be noted.

Keywords: additive connector; temporal connector; spanish language; cognitive-functional linguistics.

1 Introdução

Em Cavalcante, S. (2020) e Cavalcante, S.; Coan (2022), analisaram-se cláusulas hipotáticas temporais intercaladas, mapeando os diversos loci em que uma oração de tempo pode ser inserida, no que diz respeito à sua posição em relação à oração nuclear. O type que se mostrou mais produtivo foi aquele em que a temporal se insere entre um conector coordenativo e a oração coordenada. Por isso, nesta investigação, detalhamos o estudo desse padrão, centrando-nos nos conectores [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”), no espanhol escrito, sob o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022a).

Uma análise prévia dos dados mostra que os casos em que [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) se encontram ensejam não só uma multiplicidade de padrões formais como também funcionais. Acerca desse ponto, vejamos os dados a seguir:

- (1) *No obstante, el delincuente no quedó conforme con el botín obtenido y maniató a Agosta y a su hermano y, cuando se disponía a hacerlo con Agrest, éste se resistió, por lo que primero lo gol-*

peó con la culata de el arma en la cabeza y luego le disparó dos tiros. (Fonte: http://www.clarin.com/policiales/Ordenan-bajarle-condena-Ezequiel-Agrest_o_919108418.html).

“Porém, o criminoso não ficou satisfeito com o saque obtido e amarrou Agosta e seu irmão **e, quando** se dispunha a fazer o mesmo com Agrest, este resistiu, então primeiro bateu na cabeça dele com a coronha da arma e então disparou dois tiros contra ele.”

- (2) *El origen de la Ecosport en la Argentina tiene mucho que ver con un escenario de “vacas flacas”. Se lanzó cuando los resabios del 2001 todavía golpeaban los bolsillos de los argentinos. Y cuando llegar a una 4x4 era también un sueño para muchos compradores. Entonces, la marca decidió presentar una SUV chica para que cualquiera pudiera darse el gusto de tener una SUV, y fue un éxito.* (Fonte: <http://www.iprofesional.com/notas/187182-Ford-EcoSport-Diesel-la-gasolera-ideal-para-ahorrar-en-el-da-a-da-->).
- “A origem do Ecosport na Argentina tem muito a ver com um cenário de “vacas magras”. Foi lançado quando os dissabores do 2001 ainda batiam no bolso dos argentinos. **E quando** conseguir um 4x4 era também um sonho para muitos compradores. Assim, a marca decidiu apresentar um SUV pequeno para que qualquer pessoa pudesse se dar ao luxo de ter um SUV, e foi um sucesso.”

Em (1), do ponto de vista descritivo, a cláusula [*cuando se disponía a hacerlo con Agrest*] (“[quando se dispunha a fazer o mesmo com Agrest]”) realça temporalmente a cláusula nuclear [*éste se resistió*] (“[este resistiu]”). A unidade formada a partir da relação entre essas duas cláusulas é iniciada pelo conector [*y*] (“[e]”) ligando-se, via coordenação, à cláusula anterior [*y maniató a Agosta y a sua hermano*] (“[e amarrou Agosta e seu irmão]”).

No dado, situado em contexto narrativo, percebe-se também que a cláusula temporal interrompe a cláusula coordenada [*y, cuando se disponía a hacerlo con Agrest, éste se resistió*] (“[e, quando se dispunha a fazer o mesmo com Agrest, este resistiu]”), configurando-se como um caso de intercalação não prototípica de cláusula temporal (Cavalcante, S., 2020; Cavalcante, S.; Coan, 2022). Essa configuração estrutural causa a aproximação entre os elementos [*y*] (“[e]”) e [*cuando*] (“[quando]”), ainda pertencentes a estruturas distintas, o que é corroborado pela existência de segmentação entre eles. Nesse dado, há um limite claro entre a coordenada e a temporal intercalada, com a existência de segmentação entre os elementos (Dahlet, 2006), podendo-se perceber claramente que a cláusula outrora coordenada, iniciada por [*éste se resistió*] (“[este resistiu]”) funciona como nuclear da cláusula temporal.

O fato de a estrutura coordenada não funcionar como termo de outra oração e, por isso, comportar-se de maneira independente pode permitir a formação de estruturas ainda mais “soltas”. Em (2), por exemplo, a cláusula nuclear [*se lanzó*] (“[foi lançado]”) é realçada por duas cláusulas temporais, que estão coordenadas entre si, constituindo uma espécie de relação do tipo *lista* (Mann; Taboada, 2005-2024): [*cuando los resabios del 2001 todavía golpeaban los bolsillos de los argentinos*] (“[quando os dissabores do 2001 ainda batiam no bolso dos argentinos]”) e [*Y cuando llegar a una 4X4 era también un sueño para muchos compradores*] (“[E quando conseguir um 4x4 era também um sonho para muitos compradores]”). A porção textual iniciada por [*Y cuando*] (“[E quando]”), embora ainda vinculada a uma nuclear, apresenta os dois conectores sem segmentação entre si e, por estar posposta e antecedida por ponto, atua como um ato de fala à parte. Além disso, o fato de o conector [*Y*] (“[E]”) estar em letra mai-

úscula e ser antecedido por ponto aponta para o início de uma nova frase, recurso que garante maior subjetividade e força argumentativa à estrutura de coordenação.

Como se pode perceber, do ponto de vista funcional, essas construções podem atuar desde contextos mais referenciais e narrativos até aqueles em que há maior argumentatividade (mais (inter)subjetivos). Tal flutuação nos usos de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) parece apontar para certo grau de integração, em alguns casos maior; em outros, menor, entre esses elementos. Tendo em vista essas constatações prévias, propomos a seguinte questão de pesquisa: como se configuram os usos adjacentes de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) no espanhol escrito, em termos de traços formais e funcionais?

Como hipótese básica a essa indagação, acreditamos estar diante de micropassos de mudança no uso desses elementos, fruto de neoanálises (Traugott; Trousdale, 2013, 2021) e de processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2010, 2016). Tal situação pode ser evidenciada também pela ampliação dos contextos de uso (Diewald, 2002, 2006) e aumento de produtividade da forma [y cuando] (“[e quando]”), no espanhol escrito, decorrentes de sua menor composicionalidade e analisabilidade, conforme detalharemos adiante.

Como “mudanças construcionais pré-construcionalização possibilitam (mas não preveem) construcionalização” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 336), acreditamos ser possível estar diante de pequenos ajustes morfossintáticos favorecedores da existência da microconstrução [y cuando]_{conec} (“[e quando]_{conec}”), vinculada ao padrão mais esquemático [X Y]_{conec}, construção produtiva na formação de conectores complexos no espanhol.

Tendo em vista responder à questão e averiguar a hipótese aventada, temos como objetivo analisar os contextos de uso dos conectores [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) em adjacência no espanhol escrito, verificando indícios de integração formal e funcional.

Para tanto, baseamo-nos no modelo de construcionalização e mudanças construcionais, que tem como representante, no Brasil, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), cujos pressupostos serão esboçados na seção que segue.

2 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma corrente funcionalista em franca ascensão no Brasil. A partir da união entre postulados da Linguística Funcional de vertente norte-americana e da Linguística Cognitiva, trata-se de uma abordagem construcional. Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14), o diálogo entre essas abordagens é possível, já que as ambas compartilham pressupostos como

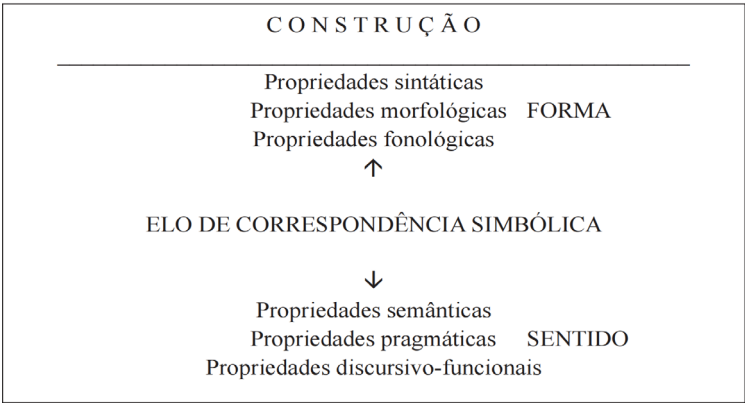
a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural, só para citar alguns. A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

A LFCU também pode dialogar com outras correntes, como, por exemplo, com a Linguística de *Corpus* e com a Linguística Textual. No primeiro caso, “a Linguística de *Corpus*

– ao operar a partir do tratamento da língua em uso e a partir do equacionamento entre a análise qualitativa e a análise quantitativa – pode contribuir com as pesquisas desenvolvidas no contexto da LFCU” (Lacerda; Dall’Orto, 2023, p. 121). No segundo caso, Cavalcante, S. (2024, p. 13) defende que a “abordagem funcional-textual no escopo da LFCU se centre na interação, valorizando os aspectos pragmáticos e discursivo-funcionais das construções, que lhe conferem estabilidade relativa, variação e mudança”.

Na visão da LFCU, a língua tem como unidades básicas as construções (Goldberg, 1995; Lacerda; Oliveira, 2015), que são pareamentos simbólicos de forma e sentido (Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021), conforme ilustra o esquema a seguir:

Esquema 1 – Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Croft (2001), adaptado ao português por Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

Para Traugott e Trousdale (2021), o pareamento forma-sentido das construções é analisado sob a ótica de dimensões gradientes, quais sejam: tamanho, especificidade fonológica e tipo de conceito veiculado por uma construção. O quadro 1, a seguir, apresenta uma síntese desses aspectos:

Quadro 1 – Dimensões das construções

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i> ¹
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj-mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, V</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 13), adaptado ao português por Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

A partir da leitura do quadro, percebemos que as dimensões se subdividem em outros níveis. No que diz respeito ao tamanho, as construções atômicas são unidades constituídas de um único elemento, enquanto as unidades complexas são compostas e analisáveis². As

¹ Para Rosário e Oliveira (2016, p. 241), a construção “pós-graduação” se insere entre as intermediárias no quesito tamanho porque se trata de derivação por prefixação, embora suas partes ainda sejam analisáveis.

² Ou seja, os falantes reconhecem e distinguem suas partes componentes.

construções classificadas como intermediárias quanto ao tamanho são parcialmente analisáveis, isto é, uma ou todas as suas partes ainda podem ser reconhecidas pelos falantes como unidades diferentes.

Em relação à especificidade fonológica, que se relaciona com o parâmetro da esquematicidade, a ser descrito adiante, analisa-se o grau de abstração de uma construção. As construções substantivas são totalmente especificadas fonologicamente, enquanto as esquemáticas pressupõem uma categoria abstrata como N (nome) ou V (verbo). As intermediárias têm uma parte substantiva e uma parte esquemática.

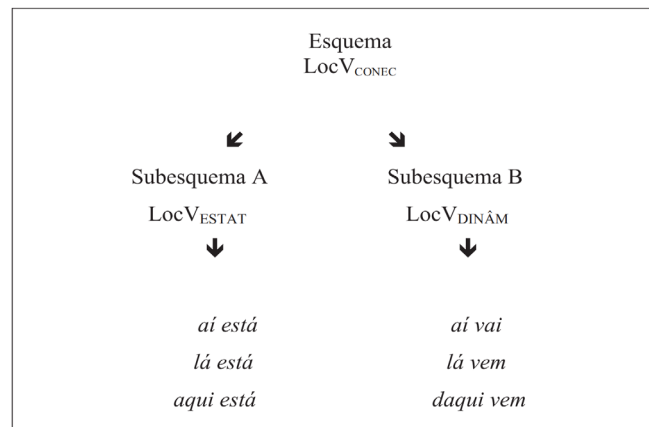
Sobre a conceptualização, descreve-se a construção em relação à expressão de conteúdo (lexical) ou procedural (gramatical). Consoante os autores, as construções de conteúdo podem ser usadas referencialmente e se associam às categorias esquemáticas N (nome), V (verbo) e ADJ (adjetivo). Por outro lado, aquelas do tipo procedural apresentam conceitos mais abstratos, sinalizadores de relações linguísticas, perspectivas, dêixis etc. No nível intermediário, há construções como os verbos auxiliares, que podem não apresentar mais seu significado referencial de origem e adquirir significação gramatical.

Analisando a integração entre [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”), no espanhol escrito, hipotetizamos que ambos os elementos, que podem se comportar como unidades atômicas do ponto de vista do tamanho, estariam caminhando rumo a uma integração, formando um *chunk*³, passando pelo nível intermediário, em que suas partes ainda são analisáveis, ao ponto de, em eventual construcionalização, poder figurar como construção complexa, em que não se identifiquem mais seus significados isolados. Do ponto de vista da especificidade, são substantivas, já que são microconstruções totalmente especificadas fonologicamente, embora possam ser instâncias, numa possível situação de construcionalização, de um padrão mais esquemático. Do ponto de vista do tipo de conteúdo, analisamos essas unidades como procedurais, sinalizadoras de conexão entre porções oracionais.

Como sinalizado, essas dimensões relacionam-se a propriedades em torno das quais as construções podem ser descritas: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade, todas gradientes. A esquematicidade envolve abstração, porque “está relacionada ao grau em que ela captura padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 45). Nessa visão, os esquemas linguísticos “são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, quer procedurais, quer de conteúdo” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 44). A teoria distingue um nível mais abstrato, o dos esquemas; um nível intermediário, o dos subesquemas; e um nível mais específico, o das microconstruções. Há também as instanciações das microconstruções, que são os construtos, “ocorrências empiricamente atestadas (...), instâncias de uso em uma ocasião particular, produzidas por um falante particular (ou escritas por um escrevente particular) com um propósito comunicativo” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 48). A título de exemplo, Rosário e Oliveira (2016) dissertam acerca da construção conectora LocV, cuja hierarquia construcional é ilustrada a seguir, no esquema 2:

³ *Chunking* “é o processo por trás da formação e do uso de sequências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas (...) e também é o mecanismo primário que leva à formação de construções e de estrutura de constituinte” (Bybee, 2016, p. 65, *itálico da autora*). Ainda segundo Bybee (2016), é a repetição que aciona o fenômeno do *chunking*: “se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos com certa frequência, um *chunk* maior contendo os menores se forma” (Bybee, 2016, p. 65).

Esquema 2 – Hierarquia construcional da LocV_{CONEC}



Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 255).

Como se pode perceber, o esquema LocV_{conec} ramifica-se nos subesquemas LocV_{estat} e LocV_{dinâm}. O primeiro subesquema é distribuído em três microconstruções (*aí está*, *lá está* e *aqui está*); e o segundo, em outros três (*aí vai*, *lá vem* e *daqui vem*). Esses padrões, ou *types*, são instanciados no uso, a nível de construto, ou seja, os *tokens* realizados em contextos específicos de uso.

O segundo parâmetro, o da produtividade, associa-se com a frequência de uso e diz respeito ao grau em que esquemas parciais sancionam construções menos esquemáticas e o grau em que são restringidos. Quando novas construções surgem na língua, elas podem se expandir, num processo em que se nota um aumento na frequência de uso (ou frequência do construto). Além disso, aumenta o número de elementos de seu leque colocacional⁴, ou seja, observa-se um aumento no número de itens que preenchem um padrão construcional. Para os autores, esse seria um caso de aumento de frequência de tipo/construção. Por exemplo, quando a construção *Be going to*, no inglês, começou a ser usada com noção de futuridade, estendeu-se para um número maior de verbos (Traugott; Trousdale, 2021).

Em relação ao terceiro parâmetro, o da composicionalidade, analisa-se o grau de transparência entre a forma e o significado de uma construção. Sobre esse aspecto, afirmam Traugott e Trousdale (2021, p. 53) que

se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entende o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2021, p. 53).

Na formação de conectores complexos, é comum que seus elementos constituintes apresentem graus de composicionalidade distintos (Rosário, 2022b). Nos termos de Traugott e Trousdale (2021, p. 55), a composicionalidade tem como subparte a analisabilidade, já que os conceitos se relacionam e são gradientes: “diferentemente da composicionalidade, analisabilidade não é primariamente associada à combinação imputada do significado do todo

⁴ Ou *host-class expansion* (expansão da classe hospedeira), nos termos de Himmelmann (2004, p. 32).

sobre o significado das partes de uma expressão composta”, mas “a analisabilidade se relaciona ao grau em que os falantes reconhecem, e tratam distintamente, essas partes componentes” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 55). Os autores assumem uma visão distinta à de Bybee (2010, 2016), para quem composicionalidade e analisabilidade são categorias diferentes.

Traugott e Trousdale (2021) também tratam acerca dos mecanismos (o ‘como’ da mudança) que estão por trás da mudança linguística, entre os quais se destacam a neoanálise e a analogização. Ao invés de falar em reanálise, termo comum aos estudos de gramaticalização, os autores preferem substituí-lo por neoanálise. Justificam os pesquisadores que, quando o falante não tem internalizada a construção e a interpreta de maneira diferente, ele não a reanalisa, mas faz, na verdade, uma análise diferente. Quanto à analogização, esse mecanismo é visto como aquele que impulsiona a mudança por meio da compatibilidade entre padrões.

Esse rearranjo no sistema linguístico é que ocasiona, na visão dos autores, a mudança linguística, em termos de construcionalização e mudanças construcionais. No primeiro caso, surge um novo nó na rede, a partir de um novo pareamento forma-significado. Essa reorganização do sistema não é imediata, mas é precedida por alterações em um dos polos da construção, seja na forma ou no significado, ou seja, opera na forma de mudanças construcionais (pequenos passos graduais de mudança). Segundos os autores, os contextos iniciais, no âmbito da pragmática, envolvem inferências sugeridas (Traugott; König, 1991) ou interpretação induzida pelo contexto (Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991). Esses pequenos ajustes tornariam possível a gradiência sincrônica. Eles se distinguem dos contextos em que já se pode identificar a nova expressão, os contextos de ‘isolamento’, segundo Diewald (2002, p. 103-104; 2006, p. 4), abordagem que veremos na próxima seção.

3 Abordagem contextual da mudança linguística

Segundo Diewald (2002, p. 103; 2006, p. 1), a mudança ocorre em contextos específicos de uso. A autora distingue, então, três estágios contextuais: no primeiro estágio (contexto atípico), os elementos envolvidos começam a ser usados em ambientes onde não o seriam originalmente. Novos significados podem emergir por meio de implicaturas conversacionais; em segundo momento (contexto crítico), há ambiguidades semânticas e estruturais que levam o ouvinte a interpretações alternativas; no terceiro estágio (contexto isolado), a forma original se separa de seu novo significado, apresentando nova distribuição.

Nesse sentido, entendemos que o uso de formas em contextos que não lhe são habituais favorece a mudança linguística. Segundo Hilpert (2014, p. 17), um item lexical pode ter seu significado afetado pelo contexto em que ocorre, num efeito de coerção. Consequentemente, contextos mais subjetivos que os narrativos aportariam novos significados a *[[y] [quando]]* (“[e] [quando]”). Numa escala, teríamos, além de contextos com efeitos de relativa objetividade, os contextos mais subjetivos e intersubjetivos (Traugott; Dasher, 2002). Na reflexão de Traugott e Dasher (2002, p. 20, 22), subjetividade envolve a expressão do falante, sua perspectiva, seu ponto de vista; e a intersubjetividade, a atenção do falante ao ouvinte como um participante no evento de fala.

Neste trabalho, analisamos os usos de *[y]* (“[y]”) e *[quando]* (“[quando]”) desde os contextos de relativa objetividade, mais temporalmente/cronologicamente situados/ordenados, aos contextos mais (inter)subjetivos, em que o falante se posiciona e convoca seu interlocutor

a partilhar novos significados. Por isso, também consideramos os contextos discursivo-funcionais em que essas formas ocorrem: narrativos, descritivos, explicativos, argumentativos, dialogais e os de incitação à ação⁵ (Adam, 2019; Cavalcante, M.; Brito *et al.*, 2022). Nossa hipótese é a de que os contextos descritivos e narrativos ensejariam usos de maior objetividade, embora sempre relativa, enquanto os contextos dialogais, explicativos, argumentativos e os de incitação à ação permitiriam leituras mais (inter)subjetivas (Oliveira, 2018) dos elementos em questão. Na esteira de Cavalcante, S. (2024), defendemos uma análise construcional em que a função discursivo-textual dos elementos e os contextos de uso motivam as configurações sintáticas. Argumentamos que esses aspectos devem ser descritos no polo do sentido da construção, nas propriedades discursivo-funcionais.

O que analisamos neste trabalho é o estágio de integração entre os itens [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”), na intenção de verificar possíveis alterações na forma e significado desses elementos que possam apontar para mudança construcional ou construcionalização.

4 Articulação de cláusulas e conectores

Uma vez que tratamos de conectores oracionais, explicamos que nossa visão de articulação de cláusulas é fundamentada em Hopper e Traugott (2003). Para além da divisão clássica entre coordenação e subordinação (Seco, 1996; Di Tullio, 1997; Alarcos Llorach, 2000; Gili Gaya, 2000; Masip, 2010; Rae, 2010; Gómez Torrego, 2011), Hopper e Traugott (2003, p. 178), a partir dos critérios de dependência e encaixamento, distinguem o nível paratático, o hipotático e a subordinação estrita. Essas categorias, no entanto, não são estanques, podendo haver níveis intermediários entre elas, como podemos ver no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – *Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Fonte: Hopper; Traugott (2003, p. 178).

Na visão clássica, as orações encabeçadas por [y] (“[e]”) se situam entre as coordenadas, o que as aproxima do eixo paratático. Já aquelas iniciadas por [cuando] (“[quando]”) se situam entre as subordinadas, mais próximas da hipotaxe. Em nosso entender, a frequência com que [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) se unem pode ser contexto motivador para um novo comportamento desses conectores, que possivelmente caminham rumo à integração, como discutido na análise dos exemplos (1) e (2).

Quanto aos conectores, no entender de Rodríguez Ramalle (2005, p. 81), esses elementos são aqueles que realçam e estabelecem uma relação lógica entre dois enunciados. Sua função, portanto, é intersentencial e textual. Seu uso é uma espécie de instrução sobre

⁵ Embora tenha considerado a injunção em propostas anteriores, Adam (2019, p. 255) reconhece que é difícil encampar sob um único rótulo textos de configurações tão diversas. Por isso, o rótulo “texto de incitação à ação”.

como interpretar as informações apresentadas: os aditivos, por exemplo, sinalizam que mais informação sobre uma mesma questão será acrescentada. A classe dos conectores pode ser composta por sintagmas preposicionais (ej.: *a fin de cuentas*) (“ex.: no fim das contas”), por formas verbais (ej.: *es decir*) (“ex.: quer dizer”), por advérbios (ej.: *además*) (“ex.: além disso”) e por adjetivos (ej.: *mejor*) (“ex.: melhor”) (Rodríguez Ramalle, 2005, p. 82). Segundo Cuenca (2001), os conectores possuem as seguintes características: (i) podem atuar em conjunto com as tradicionais conjunções (como em: *y por cierto*) (“e por certo”), (ii) podem se mover, (iii) são invariáveis, (iv) seu significado é não composicional e (v) têm caráter parentético.

Grande candidata a conector, a conjunção copulativa [y] (“[e]”), derivada do item latino [et], entre suas várias funções, serve à união de “palavras ou cláusulas em conceito afirmativo” (Y, 2023, tradução nossa)⁶. Segundo Houaiss e Villar (2009), a conjunção latina [et] podia apresentar as seguintes nuances de sentido: “e, demais, além disso; mas, entretanto; por isso; já, quando, logo; ou; que, como” (Houaiss; Villar, 2009, p. 718).

No âmbito da articulação oracional, o [y] (“[e]”), tradicionalmente inserido no eixo das coordenadas, introduz um acréscimo de informação a uma cláusula anterior (Matte Bon, 1992), sendo independente sintaticamente dela, coordenando, geralmente, elementos análogos. Quando os elementos não são do mesmo tipo, é necessário haver algo no contexto que os coloque no mesmo plano (Matte Bon, 1992). Em geral, a conjunção [y] (“[e]”) posiciona-se antes da última palavra ou cláusula de um período, mas pode ser repetida por pressões estilísticas (Bello, 1995), as quais, embora não detalhadas pelo autor, são entendidas por nós como uma espécie de reforço subjetivo do falante/escritor.

Fato curioso é que essa conjunção pode ser usada em início absoluto de período, iniciando perguntas ou exclamações diretas, o que lhes dá um aspecto mais adverbial que conjuncional (Bello, 1995; Alarcos Llorach, 2000). Alternativamente, em um fenômeno analisado por Neves (2018, p. 804) como coordenação de frases (e não de orações), os enunciados encabeçados por [y] (“[e]”) surgem após pausa longa, marcada por ponto. Nas situações descritas, esse elemento cumpre função de marcador discursivo (Camacho, 1999), conector discursivo (Di Tullio; Malcuori, 2012) ou enlace extraoracional (Rae, 2010; Di Tullio; Malcuori, 2012), separando o período em dois atos de fala distintos, como se vê em (3) e (4), com negritos nossos:

- (3) *Se despidió con un beso helado. **Y** en ese momento me sentí morir.* (Di Tullio; Malcuori, 2012, p. 309).
“Se despediu com um beijo frio. **E** nesse momento me senti como se estivesse morrendo”.
- (4) *Y el anciano controla la intención de sus ojos. **Y** ella también* (Chacón, Voz). (RAE, 2010, p. 605).
“E o senhor controla a intenção dos seus olhos. **E** ela também”.

Outro detalhe importante acerca de [y] (“[e]”) é que os gramáticos admitem que, em espanhol, a união dessa conjunção com outros elementos já foi possível, embora incomum, como nos casos de [y pues] (“[e pois]”) (com o significado de *y además* (“e também”), *y después de todo* (“e depois de tudo”), *y al cabo* (“e finalmente”)) (Bello, 1995, p. 357) e [y ni] (“[e não]”) (com o sentido de *y ni siquiera* (“e nem mesmo”)) (Alarcos Llorach, 2000, p. 320). Di Tullio e Malcuori (2012, p. 309) explicam que uniões como essas reforçam ou realçam a relação entre as orações.

Para López García (1994, p. 306-308), o sentido geral de “informação acrescentada” do [y] (“[e]”) pode ser matizado por outras formas: (i) com *además* (“além disso”), *es más* (“além do

⁶ “palabras o cláusulas en concepto afirmativo” (Y, 2023).

mais”), *sobre todo* (“sobretudo”) (valor de excesso); (ii) com *también, tampoco* (“também, tampouco”) (valor de reabertura de uma sequência); (iii) com *hasta, inclusive* (“até, inclusive”) (valor excessivo de reabertura); (iv) com *en fin, por fin* (“em resumo, por fim”) (valor culminativo); e (v) com *así como* (“bem como”) (valor culminativo de reabertura). Para o autor, esses elementos podem unir fragmentos oracionais. O autor contrasta sua visão com os valores apresentados por Barrenechea (1979, p. 7-18): (i) causal (*y por eso*) (“e por isso”), (ii) quase-equivalente (*y es decir*) (“e quer dizer”), (iii) contraste excludente (*y en cambio*) (“e em contrapartida”), (iv) contraste não excludente (*y sin embargo*) (“e entretanto”). Para López García (1994), nesses últimos casos, apresentados por Barrenechea (1979), trata-se de elementos não pertencentes ao sistema da oração composta, mas ao do texto, constituindo o [y] (“[e]”) apenas um enlace textual.

Além do significado mais neutro de adição, é possível inferir outras relações, a depender dos membros coordenados. López García (1994, p. 264-265), por exemplo, distingue os seguintes valores: condição (ej.: *llama y te abrirán*) (ex.: “bata e eles abrirão para você”), concessão (ej.: *no he aprobado y había estudiado un montón*) (ex.: “não passei e tinha estudado muito”), finalidade (ej.: *te lo he preguntado y tú me darás noticias de Elena*) (ex.: “perguntei a você e você vai me dar notícias de Helena”), adversidade (ej.: *no lo sabía y acabo de enterarme*) (“ex.: não sabia e acabei de descobrir”), causalidade (ej.: *convendría que enviaras los paquetes, y ya los tienes preparados*) (ex.: “seria uma boa ideia você enviar os pacotes, e você já os preparou”), temporalidade (ej.: *entró y los descubrió besándose*) (ex.: “entrou e os viu se beijando”) etc.

Para Camacho (1999, p. 2640), as orações encabeçadas por [y] (“[e]”) podem apresentar ações ordenadas em sequência temporal, o que pode ensejar uma relação causal ou condicional. Já Gili Gaya (2000, p. 278-279), põe em foco, nesses casos, a relação de causa-consequência, além do valor de adversidade, quando há alguma oposição ou desconformidade entre as orações. Esses distintos matizes também são compartilhados pela conjunção [*cuando*] (“[quando]”), cuja coocorrência está sendo investigada neste trabalho.

Tradicionalmente, o [*cuando*] (“[quando]”) é analisado como um advérbio relativo (Seco, 1996; Alarcos Llorach, 2000; Gili Gaya, 2000; Di Tullio; Malcuori, 2012) de tempo (Bello, 1995), porque pode ter como escopo um nome e sua significação aproximada a (*en*) *el momento en que* (“no momento em que”) (RAE, 2010). Segundo Gómez Torrego (2011), esse elemento pode exercer função conjuntiva na indicação de temporalidade. Os gramáticos também distinguem uma função prepositiva do [*cuando*] (“[quando]”), em casos como *cuando viejos* (“quando idosos”) e *cuando solteros* (“quando solteiros”) (Bello, 1995).

Em função conjuntiva, como conector oracional, o [*cuando*] (“[quando]”) pode atuar em vários níveis: hipotaxe, encaixamento e justaposição (Lima-Hernandes, 2004; Cavalcante, S.; Coan, 2021). Sendo conector prototipicamente hipotático, especifica o marco temporal ou o momento localizador de um acontecimento. Assim, põe em relação dois eventos, em que se apresenta um momento anterior, posterior ou simultâneo a outro e pode, nessa relação, além de indicar tempo, denotar causa, condição, proporção etc. (Cavalcante, S., 2020). Os gramáticos também dão conta de conectores complexos formados com [*cuando*] (“[quando]”): *aun cuando* (“embora”) (com valor concessivo) (Gómez Torrego, 2011), *hasta cuando* (“até que”)

y “desde cuando” (“desde que”)⁷ (com valor delimitativo) (García Fernández, 2000), *siempre y cuando* (“desde que”) (condição) (RAE, 2010).

Como vimos, a função de ordenar sequencialmente fatos e, nessa relação, de poder expressar outros valores semânticos também é compartilhada com o [y] (“[e]”). Por esse motivo, dada a frequência com que esses elementos aparecem juntos e os valores que compartilham, é possível que estejam caminhando rumo a uma integração. Essa possibilidade é prevista também pelo fato de que é possível coordenar orações subordinadas (Camacho, 1999), estabelecendo entre elas uma relação retórica de lista⁸ (Mann; Taboada, 2005-2024), como visto em (2).

Esboçada a visão teórica desta investigação, seguimos à apresentação de seus procedimentos metodológicos. Na próxima seção, portanto, trataremos dos elementos envolvidos no desenho da pesquisa (natureza, objetivo, tipo, técnica de coleta de dados, universo etc.), sob o aporte de Lakatos e Marconi (1992), Gil (2002) e Paiva (2019).

5 Procedimentos metodológicos

Segundo a divisão proposta por Paiva (2019), esta pesquisa é, quanto à natureza, básica, uma vez que objetiva ampliar o conhecimento científico no que tange ao uso de conectores na língua espanhola. Pretendemos contribuir teoricamente para o que se sabe acerca dos usos de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) nesse idioma, com análises fundamentadas em leituras prévias e em dados reais de uso.

Nesse sentido, em relação ao objetivo, a pesquisa desenvolveu-se em uma fase exploratória, seguida por outra descritiva e explicativa (Gil, 2002; Paiva, 2019). Na etapa exploratória, que consiste em “familiarizar o pesquisador com o fenômeno sob investigação” (Paiva, 2009, p. 13), buscamos, em gramáticas e em estudos anteriores, informações acerca dos aspectos estruturais e funcionais dos itens [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”). Nossa intenção, nesse momento, foi conhecer o fenômeno e mapear seu alcance.

Ainda quanto ao objetivo, na fase descritiva, que consiste em revelar as características do fenômeno, analisamos os dados efetivos de orações encabeçadas por [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”), em adjacência, independentemente do grau de integração entre eles. Nessa etapa, buscamos mostrar como a língua apresenta diversidade formal no que diz respeito ao uso desses elementos em conjunção. Atrelado à descrição das formas, seguimos aos passos explicativos, mostrando os diversos tipos de pressão contextuais (Diewald, 2002, 2006) e

⁷ Embora raras no Espanhol europeu (García Fernández, 2000), mas habitual na literatura clássica e, modernamente, no espanhol colombiano, venezuelano, mexicano e em alguns países centro-americanos (RAE, 2010). Para Induráins Pons (2011, p. 93), nesses casos, “*la oración subordinada es término de una preposición, que introduce el sintagma preposicional que actúa como complemento circunstancial*” (Induráins Pons, 2011, p. 93, *italico nosso*) (a oração subordinada é termo de uma preposição, que introduz o sintagma preposicional que atua como elemento circunstancial).

⁸ Ou seja, dois elementos relacionados entre si, ligados a um mesmo núcleo. Esse tipo de relação é observável nos casos de nuclear com mais de uma subordinada, como em: *Esta es una explicación muy sencilla, para que puedas decidir por ti mismo, cuándo es buen momento para comprar acciones y cuándo no debes hacerlo* (<https://www.novatostradingclub.com/acciones/cuando-comprar-acciones-y-cuando-no/>). (“Esta é uma explicação muito simples, para que você possa decidir por si mesmo **quando é um bom momento para comprar ações e quando não deveria fazer isso**”).

mecanismos de mudança (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021) que levam a novas inferências de uso quanto a esses itens.

Conforme afirma Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória, “na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica (...)”. Assim, relacionando-se o tipo de pesquisa com os procedimentos técnicos para coleta de dados, esta investigação é bibliográfica e documental, já que se baseia em documentação indireta (Lakatos; Marconi, 1992). A fase de revisão bibliográfica, exploratória, uma vez iniciada, seguiu ao longo do trabalho, a cada nova leitura teórica. A fase seguinte, documental, de cunho descritivo-explicativo, centra-se em um extenso *corpus* de dados de uso, do qual selecionamos as ocorrências sob análise. Por isso, quanto às fontes de informação, esta pesquisa é terciária (Paiva, 2009), já que une uma etapa de coleta primária (localização de ocorrências em um banco de dados) e uma secundária (revisão bibliográfica).

Nosso universo de pesquisa é constituído pelos dados advindos do *Corpus del Español*⁹ (Davies, 2012-2019), em seu *subcorpus Now (News On the Web)*¹⁰, este último composto por 7.6 bilhões de palavras, a partir de dados dos anos 2012 a 2019, de 20 países de fala hispânica. Segundo os critérios propostos por Sardinha (2004), o *subcorpus NOW* seria considerado de grande porte (mais de 10 milhões de palavras).

No comando de busca do *corpus* apresentado, selecionamos, aleatoriamente¹¹, cem dados de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) em adjacência, entre os quais cinquenta eram com e cinquenta eram sem vírgula entre eles. Em seguida, fizemos a separação dos *tokens* (“dados”) em categorias de *types* (“tipos”) (Bybee, 2007), conforme seus arranjos formais e funcionais. No momento seguinte, por meio de procedimento descritivo-explicativo, apresentamos esses usos e os descrevemos. Na análise dos dados, adotamos uma abordagem preponderantemente qualitativa (Paiva, 2019), apresentando a descrição analítica dos padrões, e uma abordagem quantitativa (Paiva, 2019), ainda que em menor medida, quando da apresentação da frequência geral de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”).

A análise dos dados permite investigar produtividade, composicionalidade e esquematicidade desses conectores. No que tange à produtividade, analisaremos a frequência de uso dos encontros adjacentes de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) no *corpus*. Sobre a composicionalidade, observaremos o grau de transparência da contribuição de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) nesses usos. Ainda quanto à composicionalidade sintática e semântica, verificaremos, como parâmetros analíticos, a existência de segmentação entre os elementos e a capacidade de, juntos, expressarem um novo significado, além de adição e tempo. Quanto à esquematicidade, analisaremos a capacidade da possível construção conectora aditivo-temporal ser instanciada por outro nível, mais esquemático e mais abstrato.

Nossa intenção, neste artigo, é discutir, com mais vagar, as características de cada *type*, o que passamos a fazer a partir da próxima seção.

⁹ <https://www.corpusdelespanol.org/>

¹⁰ <https://www.corpusdelespanol.org/now/>

¹¹ Com a ajuda do *software* Excel, para a geração de números aleatórios.

6 Análise e discussão dos resultados

Em primeiro lugar, no que diz respeito à produtividade dos itens em questão, notamos que os encontros entre [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) em adjacência são bastante produtivos no *corpus* analisado. No entanto, há uma diferença considerável quanto à existência de segmentação (marcada pelo uso da vírgula) entre eles. Entre os 292.005 casos de [y (,) cuando] (“[e (,) quando]”) no banco de dados, apenas 28.722 (9,83%) eram com segmentação, e os demais 263.283¹² (90,17%) eram sem segmentação. Segundo Bybee (2010, p. 34), é a repetição que aciona o fenômeno de *chunking*. Uma primeira conclusão, portanto, foi a de que parece estar havendo uma integração entre eles, ainda que em estágio inicial, como veremos, indiciada por sutis alterações, principalmente no polo formal.

Uma vez que nosso foco foi realizar uma abordagem predominantemente qualitativa, os dados analisados também permitiram-nos estabelecer distintos padrões estruturais dos usos das construções com [[y] [cuando]] (“[[e] [quando]]”) no Espanhol escrito. Nesses usos, conseguimos perceber a aplicação da proposta dos distintos contextos de Diewald (2002, 2006).

Em um uso menos integrado, o [y] (“[e]”) e o [cuando] (“[quando]”) atuam como elementos autônomos, introduzindo um acréscimo de informação temporal, como podemos observar no dado (5):

- (5) *Bullrich se dirigió a los alumnos de cuarto grado que participaron en el acto de lealtad a la insignia patria, a quienes les indicó que la “bandera viva” son ellos cuando deciden hacer las cosas bien, cuando deciden estudiar, cuando deciden entender a el amigo y cuando deciden ayudar a el que lo necesita. “Esa es la bandera viva que brilla”, expresó el ministro. Por otro lado, advirtió: “Cuando eso no sucede, cuando nos dividimos, cuando nos peleamos y cuando nos confrontamos como argentinos, la bandera se arruga y se rompe”.* (Fonte: http://tn.com.ar/sociedad/esteban-bullrich-con-un-tercio-de-argentinos-en-pobreza-es-como-si-faltara-una-franja-de-la-bandera_801346).

“Bullrich se dirigiu aos alunos do quarto ano que participaram do ato de fidelidade à insígnia nacional, aos quais sinalizou que a ‘bandeira viva’ são eles quando decidem fazer bem as coisas, quando decidem estudar, quando decidem compreender o seu amigo e quando decidem ajudar ao que precisa. ‘Essa é a bandeira viva que brilha’, expressou o ministro. Por outro lado, alertou: ‘Quando isso não acontece, quando nos dividimos, quando lutamos entre nós e quando nos enfrentamos como argentinos, a bandeira se enruga e se rasga’”.

Em (5), percebemos que o [y] (“[e]”) marca a finalização de uma relação de lista (Mann; Taboada, 2005-2024) entre orações temporais, alinhadas por semelhança. No dado, o enunciador lista uma série de momentos em que a bandeira da Argentina se desfaz, o que metaforiza um sentimento de “argentinidade” em queda. Percebemos que, nesse caso, o [y] (“[e]”)

¹² Considerando todos os casos de [[y] (,) [cuando]] (“[[e] (,) [quando]]”) no *corpus*, chegamos a um total de 362.524 dados. No entanto, precisamos desconsiderar 99.241 deles, já que correspondiam um conector já consolidado em Espanhol, o [siempre y cuando] (“[se]/[desde que]”), com valor condicional.

aditivo e o [cuando] (“[quando]”) temporal ainda são facilmente analisáveis. Isto é, cada um ainda resguarda suas funções e valores específicos.

O primeiro estágio de mudança contextual, contexto atípico, conforme descrito por Diewald (2002, 2006), é marcado por inferências e implicaturas, em que há alterações semânticas nas formas. Em nosso objeto de estudo, esse nível é descrito pela forma [[y], [cuando]] (“[[e], [quando]]”), em que os conectores, segmentados, ensejam leituras voltadas à sequencialidade narrativa (6) ou a um contexto ambíguo (7), em que valores descritivos e argumentativos atuam juntos:

- (6) *Los teléfonos estaban siendo vendidos en la feria conocida como “cachina” en el cruce de Jr. Juli con Jr. 1° de mayo. El operativo se llevó a cabo a las 11: 45 de la mañana. A esa hora los inescrupulosos comerciantes ofrecían la mercadería **y, cuando** la Policía los sorprendió, algunos huyeron y otros pusieron resistencia.* (Fonte: <http://diariocorreope.edicion/puno/puno-recuperan-celulares-robados-e-identifican-a-sus-propietarios-752281/>).

“Os telefones estavam sendo vendidos na feira conhecida como “cachina”, no cruzamento da Jr. Juli com a Jr. 1° de Mayo. A operação ocorreu às 11h45 da manhã. Nessa hora os inescrupulosos comerciantes ofereciam a mercadoria **e, quando** a Polícia os surpreendeu, alguns fugiram e outros ofereceram resistência.”

- (7) *# Estimados de organizaciones ambientalistas dicen que podría haber allí hasta 4. 500 invasores: ganaderos, madereros y colonos, que ocupan sólo uno de los cuatro territorios habitados por el grupo. La tierra de los Awá está siendo destruida más rápidamente que cualquier otra de las de Amazonas. A medida que la temporada de lluvias termina, una de sus principales áreas de caza está siendo destruida por madereros. # Por dentro # Ellos dependen por completo de la selva. Sus vidas, transcurren en intimidación con la desbordante naturaleza de el Amazonas. Cazan, pescan, recolectan frutos **y, cuando** viajan, llevan con ellos las brasas encendidas de su última hoguera para encender fuego en cada nuevo campamento.* (Fonte: <http://www.radiorebelde.cu/comentarios/awas-posible-final-una-tribu-20120521/>).

“# Estimativas de organizações ambientalistas dizem que ali podem existir até 4,5 mil invasores: pecuaristas, madeireiros e colonos, que ocupam apenas um dos quatro territórios habitados pelo grupo. A terra dos Awá está sendo destruída mais rapidamente do que qualquer outra entre as da Amazônia. À medida que a temporada de chuvas termina, uma de suas principais áreas de caça está sendo destruída por madeireiros. # Dentro # Eles dependem totalmente da selva. Suas vidas transcorrem em intimidade com a natureza transbordante da Amazônia. Caçam, pescam, colhem frutas **e, quando** viajam, carregam consigo as brasas de sua última fogueira para acender o fogo em cada novo acampamento.”

Em (6)-(7), há uma vírgula separando os elementos, indicando que o [y] (“[e]”) ainda encabeça uma coordenada presente após a temporal iniciada pelo [cuando] (“[quando]”). Como a vírgula pode atuar na segmentação de elementos (Dahlet, 2006), percebemos, então, no âmbito formal, uma separação entre eles. No entanto, a nível de sentido, notamos que emergem valores relacionados à sequenciação narrativa, à descrição e à argumentação.

Em (6), apresenta-se uma operação policial. O narrador mostra que, em determinado momento, comerciantes ilegais ofereciam uma mercadoria, e, em seguida, os policiais chegaram, o que levou à fuga de uns e à tentativa de resistência de outros. Como o [y] (“[e]”) tem um

valor tradicionalmente associado a um acréscimo de informação (Matte Bon, 1992), percebemos que há uma alteração semântica nesse conector, no sentido de atuar como um sequenciador narrativo, em associação com o valor de moldura temporal (Cavalcante, S.; Coan, 2021) da cena introduzida pelo *[cuando]* (“[quando]”). Isto é, nesse contexto, tendo em vista a similaridade semântica e assimilação de valores contextuais, haveria uma maior predisposição a uma combinação entre os elementos. Como lembra Bybee (2010, 2016), a partir do aumento de frequência com que duas formas atuam juntas, pode haver mudanças mais profundas para além da forma, como, por exemplo, a mudança semântica. O que queremos dizer é que, embora ainda analisáveis e parcialmente composicionais, as formas em questão estão atuando em contextos que favorecem sua integração.

Em (7), tratando sobre a tribo dos Awás, que está a ponto de desaparecer, o enunciadador defende que eles têm na selva, que está sendo destruída, sua dependência. Para tanto, mostra que eles têm intimidade com a natureza e descreve a rotina desse povo: a caça, a pesca, a colheita e um de seus costumes (levar brasas de fogo em suas viagens, para fazer fogo em seus acampamentos). Como se percebe, o contexto imediato de *[y]*, *[cuando]* (“[e]”, “[quando]”) é descritivo, mas o contexto mais amplo aponta para ações que sustentam, argumentativamente, a posição de que a destruição do território está afetando a rotina da tribo. Nota-se, portanto, um uso ambíguo, em que a descrição serve de argumento para a defesa de um ponto de vista. Nesse sentido, o escritor convoca o leitor a que, por meio de inferências e implicaturas (Traugott; König, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991), analise o *[y]* (“[e]”) e o *[cuando]* (“[quando]”) não apenas como introdutores de ações desenvolvidas no tempo, mas como parte de uma descrição e de um argumento em defesa de um ponto de vista.

Outro estágio descrito por Diewald (2002, 2006) é o chamado contexto crítico, em que, além de novas leituras semântico-pragmáticas, percebem-se alterações na estrutura. Nesse estágio nos usos dos conectores em questão, temos uma maior multiplicidade formal. Há usos em que, além da inserção dos conectores em um novo contexto tipológico, não há segmentação entre os elementos. Também há casos em que o *[Y]* (“[E]”) figura em início absoluto de período, apontando para coordenação de frases (Neves, 2018).

- (8) # *Máscarilla de limpieza para controlar brillos Efectos cosméticos: Eliminar los excesos de grasa, los puntos negros y cerrar los poros abiertos* Cómo: *Hierves una patata y luego la aplastas mientras que le agregas miga de pan empapada en leche. A la mezcla se le añade el zumo de medio limón y cuando esté la textura como una pomada aplicar sobre el rostro y dejar la actuar unos 20 minutos. Enjuagar con abundante agua fría que ayuda a cerrar los poros ya limpios.* (Fonte: <http://www.mujerhoy.com/belleza/blog-total-beauty/belleza-tiene-precio-caro-710379012013.html>).

“# Máscara de limpeza para controlar brilhos Efeitos cosméticos: Eliminar o excesso de oleosidade, cravos e fechar os poros abertos Como: Você ferve uma batata e depois a esmaga enquanto adiciona miolo de pão embebido em leite. À mistura, adiciona-se o suco de meio limão e quando a textura ficar como uma pomada aplicar sobre o rosto e deixá-la agir por uns 20 minutos. Enxaguar com bastante água fria, o que ajuda a fechar os poros já limpos.”

- (9) *De este modo, cuando haya 7 mensajeros por cada administrativo - recepcionista o telefonista - la AFIP establece un mínimo de 10 dependientes para el servicio. # Y, cuando no resulte posible establecer la cantidad de estos empleados, el fisco aplicará el indicador de 10 trabajadores por*

cada 24 metros cuadrados de el establecimiento o inmueble donde se desarrolla la actividad. (Fonte: <http://www.iprofesional.com/notas/174825-La-AFIP-estableci-los-empleados-que-deben-tener-las-firmas-que-presten-servicios-de-mensajera>).

“Desta forma, quando houver 7 messageiros para cada administrativo—repcionista ou telefonista—a AFIP estabelece um mínimo de 10 funcionários para o serviço. # **E, quando** não for possível estabelecer o número desses empregados, a Fazenda aplicará o indicador de 10 trabalhadores para cada 24 metros quadrados do estabelecimento ou imóvel onde é exercida a atividade.”

- (10) # “¿Por qué nos han forzado a cerrar los bancos? Para infundir miedo en la gente. **Y cuando** se trata de extender el terror, a ese fenómeno se le llama terrorismo”, declaró. (Fonte: <http://www.univision.com/noticias/grecia-en-vilo-vive-una-jornada-de-reflexion-en-visperas-del-referendo>).

“# “Por que nos forçaram a fechar os bancos? Para incutir medo nas pessoas. **E quando** se trata de espalhar o terror, a esse fenômeno se chama terrorismo”, declarou.”).

No dado (8)¹³, o uso dos conectores sob análise ocorre em um contexto de incitação à ação, em que se explica como se faz e como se usa determinada máscara de limpeza facial. As etapas de produção e aplicação da mistura são apresentadas de maneira sequencial, temporalmente situadas e, por isso, requerem o uso do [y] (“[e]”) e do [cuando] (“[quando]”). O uso desses conectores em contexto não narrativo aponta para ações que precisam ser executadas na mesma ordem em que são apresentadas, sob pena de não se produzirem os efeitos estéticos desejados. Nesse contexto de maior intersubjetividade, o leitor é convidado a reinterpretar os elementos como sequenciadores não narrativos.

Em (9) e (10), percebemos que os segmentos iniciados por [[Y] (,) [cuando]] (“[E] (,) [quando]”) vêm precedidos de ponto. Como bem lembra Dahlet (2006), esse sinal costuma marcar uma totalização inferencial, embora haja casos em que o ponto anuncia a finalização do período sem marcar essa completude. Segundo a autora, “(...) o ponto anuncia uma totalização inferencial que se desmente *retroativamente* como totalização, pelo fato de que se acrescenta, à direita do sinal, um segmento que se liga sintática e semanticamente à informação que precede” (Dahlet, 2006, p. 251, *itálico da autora*). Nos dados em questão, as coordenadas iniciadas por [Y] (“[E]”), embora não vinculadas sintaticamente a outra oração, mostram dependência semântica, pois acrescentam uma informação vinculada ao que já foi apresentado.

No dado (9), a frase iniciada por [[Y] , [cuando]] (“[[E] , [quando]]”) denota uma mudança de perspectiva, em polaridade oposta à inicial, apresentando o cenário em que não é possível estabelecer um número mínimo de funcionários para determinada atividade. Percebemos, dessa forma, uma leitura de contraste e, especificamente relacionado ao [cuando] (“[quando]”), uma leitura condicional. Note-se que os valores puramente temporais e sequenciativos dão lugar a valores mais abstratos, relacionados à descrição de diversos aspectos de uma mesma situação. Embora, nesse estágio, ainda não se possa postular um conector

¹³ Embora se possa argumentar que a ausência de vírgula se trata de um mero “erro” gramatical, é de se notar que, como discutimos no início desta seção de análise, parte substancial (90,17%) dos dados mostrou ausência de vírgula entre os conectores. E esses usos tornam-se ainda mais curiosos quando acontecem em um contexto de língua escrita e em um *corpus* cujos dados são extraídos de jornais e revistas digitais hispânicos, que costumam contar com equipes de revisão. Com Dahlet (2006), defendemos um uso pragmático-discursivo dos sinais de pontuação.

[y *cuando*] (“[e quando]”), não podemos negar as alterações formais e semânticas pelas quais passam os elementos de maneira isolada. Como o leitor ainda consegue decodificar o significado dos itens de maneira isolada (Traugott; Trousdale, 2013, 2021), a leitura do [[Y], [*cuando*]] (“[[E], [quando]”) continua mais composicional, já que exige uma interpretação de cada elemento, mesmo semanticamente modificados pelo contexto, de maneira individual.

Em (10), torna-se difícil recuperar a oração assindética (em termos tradicionais) a que se ligue a oração com [Y] (“[E]”). Por isso, esse elemento parece exercer uma função mais discursiva (Camacho, 1999; Di Tullio, Malcuori, 2012), desenvolvendo um tópico recentemente instaurado. A nova frase iniciada por [[Y] [*cuando*]] (“[[E] [quando]”) atua em contexto de desenvolvimento de tópico novo: o assunto “infundir medo”, que acaba de ser iniciado na porção oracional anterior, é desenvolvido em um novo ato de fala, com valor extremamente enfático. Sobressai, nesse caso, o ponto de vista subjetivo do autor, conferindo maior peso argumentativo a seu comentário. Para Dahlet (2006), a intenção argumentativa da inserção do ponto torna-se mais clara quando a segunda informação é dotada de maior peso comunicativo. E esse parece ser o caso.

Também no estágio contextual crítico, aparecem situações nas quais a coordenada que o [y] (“[e]”) deveria encabeçar parece não ser mais necessária:

- (11) # *Y cómo se le gana a este Madrid, ¿teniendo más el balón que ellos? Hemos visto en los últimos partidos que cuanto más tenemos el balón, más controlado parece que tengamos el partido y el rival sufre más porque tiene que correr más. Y a un rival como el Real Madrid, creo que le podemos hacer daño si no tiene el balón. Pero vigilando también mucho las contras y cuando ellos tengan la posesión porque si te cazan pueden marcar te fácil.* (Fonte: <http://www.sport.es/es/noticias/barca/bartra-firmo-barca-borussia-final-champions-5416260>).

“# E como vencer esse time do Madrid, tendo mais posse de bola que eles? Vimos nos últimos jogos que quanto mais temos a bola, mais controlado parece que temos o jogo e o adversário sofre mais porque tem que correr mais. E contra um rival como o Real Madrid, penso que podemos prejudicá-lo se não tiver a bola. Mas vigiando também muito os contra-atacantes **e quando** eles tiverem a posse de bola porque se te caçarem, podem te marcar facilmente.”

- (12) # *señores de “cambiemos” cual es el plan economico, cuando lo presentan? Sr, presidente cuando va a retrotraer los precios de los alimentos a el mes de Noviembre como prometio en el mes de Enero?...y cuando le va a dar a los Jubilados el 82% que prometio en la campaña electoral y cuando va a terminar con el impuesto a las ganancias para los trabajadores, segun su promesa en el spot de setiembre de 2015??? Presidente piensa hacer algo de todo lo que nos prometio o simplemente copio a su antecesor ideologico el Dr. Menem??? (Fonte: <http://fortunaweb.com.ar/2016-03-05-174763-segunda-ola-de-remarcaciones-tras-el-pico-del-dolar-en-16/>).*

“# senhores do “vamos mudar” qual é o plano econômico, quando vão apresentá-lo? Senhor presidente, quando vai baixar os preços dos alimentos ao mês de Novembro como prometeu no mês de Janeiro?...**e quando** vai dar aos aposentados os 82% que prometeu na campanha eleitoral **e quando** vai acabar com o imposto de renda dos trabalhadores, conforme sua promessa no anúncio de setembro de 2015??? O Presidente planeja fazer algo em relação a tudo o que nos prometeu ou simplesmente copiou o seu antecessor ideológico, Dr. Menem???)”

- (13) # *La frase épica de ayer fue, no hay helicópteros ahora en Ibiza, porque no es época.... Alucinante!!!! y cuando es época de incendios?, que triste.... espero que sirva de experiencia.* (Fonte: <https://periodicodeibiza.es/pitiusas/local/2017/03/07/252916/helicoptero-ibiza.html>).
 “# A frase épica de ontem foi, não há helicópteros agora em Ibiza, porque não é época.... Incrível!!!! **e quando** é época de incêndios?, que triste... espero que sirva de experiência.”

O dado (11) é ambíguo no sentido de não se saber se o [y] (“[e]”) coordena o termo *las contras* (“os contra-atacantes”) e a oração temporal ou se há coordenação com verbo implícito: *Pero vigilando también mucho las contras y [vigilando] cuando ellos tengan la posesión* (“Mas vigiando também muito os contra-atacantes e [vigilando] quando eles tiverem a posse de bola”). No dado (12), o [y] (“[e]”) inicia, juntamente como [cuando] (“[quando]”) em contexto interrogativo, novos atos de fala, com função interrogativa, apontando para um valor mais adverbial do que conjuncional (Bello, 1995; Alarcos Llorach, 2000) desses elementos. Nesse sentido, o valor de sequenciação temporal é esvaziado em lugar de outro, mais argumentativo e (inter)subjetivo (Traugott; Dasher, 2002), já que atuam em contexto de diálogo e de confrontação: a repetição estilística (Bello, 1995) dos itens em cada nova pergunta denota a indignação do cidadão em suas várias reivindicações e convoca o presidente a uma ação efetiva. O grau de (inter)subjetividade crescente nesses usos também chega a casos como em (13), em que não há mais uma enumeração de perguntas que valide a existência de um [y] (“[e]”), que parece atuar mais como um marcador discursivo. Novamente, notamos sutis alterações nos usos e contextos do [y] (“[e]”) e do [cuando] (“[quando]”) que vão apontando para uma maior integração entre eles.

Em nossos dados, o grau mais alto de integração e de intersubjetividade aponta para um contexto isolado nos usos de [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”). No dado (14), temos uma sinalização de possível formação da construção conectora aditivo-temporal avaliativa [*y cuando*] (“[e quando]”):

- (14) *Estaba claro. El tiro que todos sentimos. La bala que tenía que llegar al número uno. Y es que aunque hayan pasado 70 años desde que se disparó por primera vez, la muerte (de nuevo, fuera de pantalla) de la madre de Bambi es un puñetazo rastrero. La reacción del cervatillo, otro. Y cuando ya estábamos noqueados.* (Fonte: <https://es.ign.com/movies/77759/feature/top-10-momentos-oscuros-de-disney-y-pixar>).
 “Estava claro. O tiro que todos sentimos. A bala que tinha que chegar ao número um. E é que embora já tenham se passado 70 anos desde que se disparou pela primeira vez, a morte (de novo, fora da tela) da mãe de Bambi é um golpe devastador. A reação do cervinho, outro. **E quando** já estávamos nocauteados.”

Em (14), a cláusula [*y cuando ya estábamos noqueados*] (“[E quando já estávamos nocauteados]”) já não tem uma contraparte coordenada, mas funciona como um realce a [*La reacción del cervatillo (es) otro (puñetazo rastrero)*] (“[A reação do cervinho (é) outro (golpe devastador)]”). Ou seja, o que se quer dizer é que, justamente quando os espectadores do filme já estavam em choque com a morte da mãe do personagem, a reação do pequeno cervo é outra grande comoção na história, enfatizando-se a (inter)subjetividade. Nesse dado, o [*y cuando*] (“[e quando]”) introduz uma oração temporal com valor de “justamente, exatamente

em determinado momento”, acrescentando uma circunstância temporal, em que se pretende realçar ainda mais a comoção do leitor.

Por outro lado, a integração entre [y] (“[e]”) e *cuando* (“[quando]”) em (14) ainda não é total, no sentido de ainda ser possível a inserção de elementos entre eles ([Y *justamente*] *cuando ya estábamos noqueados*) (“[E *justamente*] quando já estávamos nocauteados”) e a impossibilidade de intercalar a oração ([**la reacción del cervatillo, y cuando ya estábamos noqueados, [es] outro puñetazo rastrero*]) (“[*a reação do cervinho, e quando já estávamos nocauteados, [é] outro golpe devastador]”). Nesse último caso, isso talvez se dê pelo fato de que o [y] (“[e]”) ainda resguarda seus valores de introdutor de nova cadeia, sendo preferido em contextos em que a oração está às margens do período, preferencialmente, a posposição. Ou seja, como ainda são parcialmente analisáveis, os elementos em questão ainda apresentam certo grau de composicionalidade, no sentido de que o significado do novo conector articula valores aditivos e temporais, mas não se restringe a eles, denotando, também, avaliação (inter)subjativa. Por outro lado, esse grau mais baixo de composicionalidade que nos outros contextos pode resultar em mudança com o passar do tempo, no nível microconstrucional (Traugott; Trousdale, 2013, 2021).

Por fim, percebemos que, apesar da multiplicidade de *types* envolvidos nos contextos de uso de [[y] *cuando*] (“[[e] [quando]]”), a formação de um novo conector complexo a partir deles parece ser uma mudança ainda muito recente em Língua Espanhola, principalmente em seu registro escrito. Por esse motivo, ainda é de baixa produtividade e relativamente composicional o uso [y *cuando*]_{conec} (“[e quando]”_{conec}), como em (14), em contextos de escrita. Por isso, não se pode ainda argumentar em torno de uma esquematicidade que envolva esses itens, o que pode ser verificado em pesquisas futuras, especialmente focando-se nos contextos de oralidade.

Em resumo, o quadro 3, a seguir, sintetiza os usos de [y] (“[e]”) e *cuando* (“[quando]”) analisados neste artigo:

Quadro 3 – usos de [y] (“[e]”) e *cuando* (“[quando]”)

[y] _{adit} [cuando] _{temp}	[[y][cuando]] _{seq}	[y cuando] _{conec}	[[y] [cuando]] _{md}
	[[y][cuando]] _{seq narr}	[[y] [cuando]] _{aval}	
	[[y][cuando]] _{seq desc}		
Texto e tempo	Texto		
Relativamente objetivo		Subjetivo	(Inter)subjetivo
Dimensão argumentativa			

Fonte: elaborado pelos autores.

No primeiro uso ([y]_{adit} [cuando]_{temp}), ilustrado no dado (5) e em sua respectiva análise, os conectores ainda resguardam composicionalmente seus valores de adição (dimensão textual) e tempo, operando num eixo relativamente mais objetivo. Em outro uso ([[y][cuando]]_{seq}), os elementos atuam em função sequenciativa, que se divide em sequenciação narrativa e sequenciação descritiva. Por isso, atuam em dimensão mais textual e ainda com relativa objetividade, como visto na discussão dos dados (6) e (7). Caminhando para o polo de maior subjetividade, encontramos o uso de [y cuando]_{conec} ilustrado na exposição e análise do dado (14). Já o padrão [[y] [cuando]]_{md} destaca-se por apresentar maior (inter)subjetividade, como ilustrado no dado e na análise de (13).

7 Considerações finais

Neste trabalho, analisamos os contextos de uso (Diewald, 2002, 2006) dos conectores [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”), no espanhol escrito, sob o viés teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Rosário, 2022a). Tendo em vista analisar os distintos graus de integração desses elementos, foram coletadas cem ocorrências desses elementos em adjacência, observando os valores formais e funcionais resultantes dos contextos em que ocorrem.

A análise dos dados mostrou que os usos de [[y] [cuando]] (“[[e] [quando]]”) se dão em diferentes contextos, desde aqueles em que há maior analisabilidade e composicionalidade entre os itens até aqueles em que esses parâmetros mostram redução de grau e possibilidade de formação de um novo *chunk*, o [y cuando]_{conec} (“[e quando]_{conec}”). Quanto à produtividade, embora o novo conector resultante dessa união seja pouco frequente na escrita, os usos sem segmentação entre [y] (“[e]”) e [cuando] (“[quando]”) são abundantes (90,17%), em maior quantidade do que aqueles com segmentação (9,83%).

Quanto aos estágios contextuais, percebemos que, nos usos mais autônomos, esses elementos introduzem um acréscimo de informação temporal. Já nos níveis seguintes, há alterações formais e funcionais, que, atuando individualmente ou não, denotam mudanças semântico-pragmáticas em seus usos. Essas mudanças são explicadas, principalmente, por pressões relativas às inferências e implicaturas (Traugott; König, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991) sugeridas pelos escritores e aos distintos graus de (inter)subjetividade que as formas revelam (Traugott; Dasher, 2002).

Embora a hipótese de trabalho tenha sido confirmada no que tange aos micropassos de mudança, à atuação de processos cognitivos e à ampliação dos contextos de uso, concluímos que ainda não podemos postular a plena construcionalização de [y cuando]_{conec} (“[e quando]_{conec}”) como membro da rede dos conectores hipotáticos temporais em todos os contextos, tendo em vista suas restrições formais, seu grau de relativa composicionalidade e baixa produtividade. Pesquisas futuras, principalmente analisando os contextos orais, podem trazer resultados em que as discussões sobre a produtividade e esquematicidade desse novo conector possam ser mais aprofundadas.

Declaração de autoria

Os autores trabalharam em conjunto no desenvolvimento das seções do texto. Como o trabalho é fruto de um estágio pós-doutoral do prof. Sávio Cavalcante e supervisionado pelo prof. Valdecy Pontes, o olhar analítico de ambos percorre a produção.

Referências

ADAM, J.-M. *Textos: tipos e protótipos*. Tradução de Mônica Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. 2. reimpr. Real Academia Española, Madrid: Espasa Calpe, 2000.
- BARRENECHEA, A. M. Problemas semánticos de la coordinación. *Estudios lingüísticos y dialectológicos*, Buenos Aires, Hachette Universidad, p. 7-8, 1979.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Caracas: La Casa de Bello, 1995.
- BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. New York: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha e Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CAMACHO, J. La coordinación. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. *Gramática descriptiva de la lengua española* – tomo 2: las construcciones sintácticas fundamentales – relaciones temporales, aspectuales y modales. Espasa Calpe, S. A., Madrid, 1999. p. 2635-2694.
- CAVALCANTE, M.; BRITO, M. A. P. et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, S. A. de S. *Efeitos prototípicos da intercalação de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51477/1/2020_tese_sascavalcante.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.
- CAVALCANTE, S. Elementos para uma perspectiva Funcional-Textual. In: ALONSO, Karen Sampaio B. et al. (Orgs.). *Caderno dos resumos do XXVII Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e do XIV Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. São Gonçalo-RJ: Selo editorial LABLETRAS-UERJ, 2024. p. 13. Disponível em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/seminarios/seminario-2024/caderno-de-resumos/>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- CAVALCANTE, S. ; COAN, M. Um mapeamento funcional das cláusulas temporais: variação, processamento e codificação. *Intertexto*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 117-145, set. 2021. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/4834>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- CAVALCANTE, S.; COAN, M. Escalaridade e prototipia no domínio da intercalação: o caso das Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol mexicano oral. *Linguística*, Montevideo, v. 38, n. 1, p. 29-46, jun. 2022. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v38n1/2079-312X-ling-38-01-29.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUENCA, M. J. Los conectores parentéticos como categoría gramatical. *LEA*, España, v. 23, n. 2, p. 211-235, 2001.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

- DAVIES, M. *Corpus del Español: NOW*. (2012-2019). Disponível em: <https://www.corpusdelespanol.org/now/>.
- DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, v. 1, n. 9, Special, Vol. 1, Constructions all over: case studies and theoretical implications, 2006, p. 1-29.
- DI TULLIO, Á. *Manual de gramática del español - Desarrollos teóricos. Ejercicios. Soluciones*. Buenos Aires: Edicial, 1997.
- DI TULLIO, Á.; MALCUORI, M. *Gramática del español para maestros y profesores del Uruguay*. Montevideo: ANEP. ProLEE, 2012.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILI GAYA, S. *Curso Superior de Sintaxis Española*. Barcelona: Bibliograf, S.A., 2000.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GÓMEZ TORREGO, L. *Gramática didáctica del español*. São Paulo: Edições SM, 2011.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd., 2014.
- HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- INDURÁIN PONS, J. (Ed.). *Sintaxis – Lengua Española*. Barcelona: Larousse EDITORIAL, S. L., 2011.
- LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha; DALL'ORTO, Lauriê Ferreira Martins. Uso do software Antconc na análise de dados do uso. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho, RO: Edufro, 2023. p. 121-136.
- LACERDA, P. F. A. da C.; OLIVEIRA, N. F. de. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (orgs.). *Linguística Centrada no Uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 51-62.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas: 1992.

- LIMA-HERNANDES, M. C. Estágios de gramaticalização da noção de tempo – processos de combinação de orações. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 8, n.1 e n. 2, p. 183-194, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap12.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- LÓPEZ GARCÍA, Á. *Gramática del Español* – I. La Oración Compuesta. Madrid: Editorial ARCO LIBROS, 1994.
- MANN, W. C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2005-2024. Disponível em: <https://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>. Acesso em: 21 fev. 2024.
- MASIP, V. *Gramática Española para Brasileños: Fonología y Fonética, Ortografía, Morfosintaxis*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español* – Tomo II – De la idea a la lengua. Madrid: Difusión, 1992.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.
- OLIVEIRA, M. R. O afixoide “lá” em construções do português – perspectivização espacial e (inter) subjetificação. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 109-129, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/14911>
- PAIVA, V. L. M. de O. e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: manual*. Madrid: Asociación de Academias de La Lengua Española, 2010. 993 p.
- RODRÍGUEZ RAMALLE, T. M. *Manual de sintaxis del Español*. Madrid: Editorial Castalia, 2005.
- ROSÁRIO, I. da C. (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói – RJ: EdUFF, 2022a. Disponível em <https://www.eduff.com.br/produto/introducao-a-linguistica-funcional-centrada-no-uso-680>
- ROSÁRIO, I. da C. do. Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022b.
- ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SECO, R. *Manual de Gramática Española*. 11. Ed. Madrid: Aguilar, 1996.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdã: Benjamins, 1991. p. 189-218.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

Y. *In*: Diccionario de la lengua española. Real Academia Española, 2023. Disponível em: <https://dle.rae.es/y>. Acesso em: 05 mar. 2023.